



olga pombo

A escola é o lugar onde a memória se faz futuro

antónio fonseca

Há vida depois da reforma

Professores para sempre

aposentaram-se, mas ainda não perderam o "bichinho" da profissão

antónio pinho vargas

Elites culturais de Lisboa e Porto têm mais tendência para o complexo de inferioridade

Xavier Úcar Hacia una pedagogía de la elección: más allá de Freire

Mario Novelli

Nações Unidas: construção da paz ou pacificação?

Paulo Raposo

Não é a crise, mas sim o sistema!

Raquel Patriarca Artes de palco: uma proposta de passeio ao passado

triângulo
do atlântico

em adjectivo!

DANY SILVA
VITORINO
PEPE ORDÁS

Escrever o teu nome sobre a água
depois bebê-la até ao fim
até a terra ficar seca
e tu afogada em mim.

PAULO SUCENA

em 2012 no circuito comercial; já disponível na profedições |
a poesia de paulo sucena | as vozes de dany silva (cabo verde), pepe
ordás (cuba) e vitorino (portugal) | registado ao vivo no centro cultural vila flor |
concerto integrado no 7º congresso dos professores do norte

Site: www.profedicoes.pt | **Mail:** livros@profedicoes.pt

Telf.: +351 226 002 790 | **Fax:** +351 226 070 531

Rua D. Manuel II, 51/C – 2.º andar, Sala 25 | 4050-345 PORTO (Portugal)



DIRECTORA: Isabel Baptista | DIRECTORA ADJUNTA: Ana Brito Jorge | EDITOR: António Baldaia

CONSELHO EDITORIAL: Américo Nunes Peres, Ariana Cosme, Fátima Antunes, Fernando Santos, Henrique Borges, Paulo Teixeira de Sousa, José Rafael Tormenta, Rui Trindade

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Francisco David Ferreira e José Paulo Oliveira (texto), Sufya Cacau e Teresa Couto (fotografia), Ana Afonso e José Manuel Costa (revisão)

SECRETARIADO DA REDACÇÃO: Sílvia Enes CONTACTOS: Telefone (00 351) 22 600 27 90 Fax (00 351) 22 607 05 31 | E-mail: redacao@apagina.pt

EDIÇÃO IMPRESSA: Trimestral, publica-se no 1.º dia de cada estação do ano | Preço de capa: 4 € | Tiragem desta edição: 19.000

PRODUÇÃO GRÁFICA: Multiponto, S.A. | EMBALAGEM: Notícias Direct | DISTRIBUIÇÃO: Logista Portugal – Distribuição de Publicações, S.A.

EDIÇÃO DIGITAL: <http://www.apagina.pt>
Cumprindo o Estatuto Editorial, a PÁGINA respeita e publica as variantes do Português, Mirandês, Galego e Castelhanos. São traduzidos para Português os textos escritos noutras línguas.
Registo na ERC n.º 116.075 | Depósito Legal n.º 51.935/91 | ISSN 1647-3248

Profedicoes

PROPRIEDADE: Profedicoes, Lda. | Contribuinte n.º 502 675 837 | Capital Social: 5.000 euros | Registo na Conservatória Comercial do Porto: 49.561

SEDE: Rua D. Manuel II, 51/C – 2.º (sala 25) 4050-345 PORTO (Portugal)

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE PROPRIETÁRIA: Sindicato dos Professores do Norte, 90% | Abel Macedo, 5% | João Baldaia, 5%

CONSELHO DE GERÊNCIA: Carlos Midões | João Baldaia

SECRETARIADO DA ADMINISTRAÇÃO / PUBLICIDADE / ASSINATURAS: Telefone: 22 600 27 90 | Fax: 22 607 05 31 | E-mail: apagina@apagina.pt | Livros: livros@profedicoes.pt



Associação Portuguesa de Imprensa, API

Sumário



editorial

Páginas de Vida e de Democracia

Isabel Baptista pag. 4

memória e identidade

Esteios

A democracia que Abril nos trouxe permitiu que nascessem as primeiras organizações sindicais docentes. O futuro espera-nos e os esteios em que nos apoiamos só podem dar-nos confiança.

Ana Brito Jorge pag. 6

OLGA POMBO



"Apesar de tudo, ao professor é dado um espaço próprio, que é a aula. E embora as pedagogias tendam a diminuir a sua importância, eu acho que o espaço da aula é uma clareira. É um lugar muito importante e muito bonito. Fechar a porta de uma sala e ter lá dentro 20 ou 30 crianças e um professor mais velho é um fenómeno muito estranho, em que muito pouca gente pensa. E quando o professor fecha a porta da sala e diz "agora vamos começar a nossa aula", há aqui uma espécie de oportunidade. (...) Portanto, eu sou completamente contrária à ideia de abrir a escola ao meio e toda essa conversa fiada que, em última análise, só serve para dismantelar esse lugar mágico que a sala de aula".

..... pag. 8

entrelinhas e rabiscos

O rei vai nu!

E mesmo sendo um prato, por professor não o trato, senhor Crato. Nem lhe estou grato...

José Rafael Tormenta pag. 20

discurso directo

Os rankings e a defesa de parcerias público-privado como forma de governo das escolas públicas

Sendo as lideranças e a qualidade dos professores fundamentais na vida das escolas, não são

estes factores que, só por si, permitem que se vença o concurso anual que os jornais têm vindo a promover.

Ariana Cosme e Rui Trindade pag. 22

do primário

Contradições

Portugal está mergulhado na obscuridade da crença num modelo epistemológico falido. Sucessivas gerações de vidas são desperdiçadas. As escolas são fábricas de desperdício.

José Pacheco pag. 25

do secundário

Desafios para continuar a desenvolver o Ensino Secundário

Os desafios enunciados têm que ser enfrentados para que o Ensino Secundário possa responder mais cabalmente às necessidades dos jovens e às exigências da sociedade.

Domingos Fernandes pag. 26

impasses e desafios

A propósito das TIC...

Presumir que um saber se esvazia de sentido escolar porque os jovens já dominam a sua apreensão utilitária e instrumental revela uma concepção das prioridades na Escola, mas, igualmente, uma falta de vontade de aprofundar o que está em jogo.

Henrique Vaz pag. 28

EFA, uma agenda anunciada

Estão a ser impedidos o funcionamento de muitos CNO, a continuidade de diversos projectos e a abertura de novos cursos EFA, configurando um novo e profundo retrocesso na educação de adultos que urge travar.

Teresa Medina pag. 30

a escola que aprende

Equidade educativa: em busca de excelência para todos

Equidade e excelência são indissociáveis da qualidade em Educação e é desta forma que se comportam os sistemas educativos mais avançados.

David Rodrigues pag. 32



A mediação escolar ou sociopedagógica na construção de uma Escola para a (con)vivência

Ninguém aprende no vazio. As pessoas aprendem comparando o que já sabem com a novidade. Portanto, a aprendizagem ocorre sempre em resultado de uma mediação relativamente ao seu modo de ver, aos seus conhecimentos, à sua leitura do mundo.

Apesar das reformas escolares e da preocupação com a ligação da escola ao meio, há, ainda hoje, efectivamente, um fosso entre as pessoas que pensam a Escola e as pessoas que pensam as instituições para além da Escola, do ponto de vista da aprendizagem, da socialização, da educação ao longo da vida, etc.

É preciso que a Escola perceba que os alunos têm vida própria, têm histórias de vida, vivem numa sociedade e em culturas específicas e, portanto, isto não se apaga quando os alunos entram na escola. Alguns professores é que podem apagar, entendendo que estão a enriquecer. É como se o aluno usasse uma mochila cultural que deixa à porta da escola e se transformasse num boneco de cartão formatado para, depois, voltar a pôr a sua mochila cultural quando vai para casa, vivendo dois mundos desarticulados. De facto, a criança transporta consigo para dentro da escola as suas vivências, a sua família, a comunidade e todo o seu *background*. Leva a sua mochila cultural para dentro da escola. Ignorar esta realidade é enfiar a cabeça na areia, é alhear-se do real.

Neste sentido, os professores que queiram fazer mediação sociopedagógica, e são muitos, devem fazê-lo sempre de forma sociocultural, porque deve partir sempre do aluno, da criança, da pessoa. Ninguém aprende no vazio, as pessoas aprendem comparando o que já sabem com a novidade e, portanto, a aprendizagem ocorre sempre, de alguma forma, em resultado de uma mediação relativamente ao seu modo de ver, aos seus conhecimentos, à sua leitura do mundo. Assim, podemos e devemos sempre falar de mediação sociopedagógica ou media-

ção socioescolar. A mediação escolar é sempre – ainda que alguns o esqueçam – social e a pedagógica é, também, sempre social. Se o não for, estaremos a construir uma Escola abstraída da sociedade, da comunidade e das culturas, o que não é o pretendido na letra da Lei, nem o que querem os cidadãos.

Portanto, como ninguém aprende no vazio, como se aprende a partir de uma base cultural, a mediação é sempre, seja em contexto escolar ou não, uma mediação sociocultural.

A Escola não é só instrução e trabalho de cognição. Hoje, sabemos que os currículos foram mudados, as nossas reformas trouxeram formação pessoal e social, educação para a cidadania, etc. A Escola tem, inevitavelmente, uma função educadora. Mas em que sentido? Uma educação para uma cidadania (escassa) do ponto de vista da domesticação, como aconteceu na ditadura portuguesa do Estado Novo? Não é esta cidadania que queremos!

Como Paulo Freire escreveu, trata-se de “uma educação para a libertação”, de uma educação de sujeitos. De uma educação *global*. E neste tipo de educação a Escola tem que preparar para a (con)vivência, para o aprender a viver com os outros [Xesus Jares, “Pedagogia da Convivência”].

A educação para a cidadania tem que utilizar a Escola, o seu espaço e o seu tempo, seja de uma forma disciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar, para, em articulação com o projecto educativo, formar para “viver com”. Nós temos que aprender a viver com os diferentes – aquilo que Isabel Baptista

defende como *hospitalidade*, que é nós recebermos o outro, estarmos disponíveis para o(s) outro(s) [*Educação, Justiça e Solidariedade na Paz*, em “Educação, Justiça e Solidariedade na Construção da Paz”, Américo Peres e Ricardo Vieira, coord.].

A Escola de hoje ainda tem um olhar monolítico que estranha o outro. Mas, num olhar aberto e numa sociedade plural, uma pessoa tem de, não só não estranhar o outro, mas, também, entender o outro como fonte de benefício, como potencial de enriquecimento e de aprender a viver com ele.

Neste sentido, a mediação enquadra-se num paradigma intercultural, no qual se reivindica uma escola para todos e não todos para uma escola. Neste paradigma, o potencial da educação para a hospitalidade e para a convivência está sempre presente. O próprio mediador é um construtor de educação para a hospitalidade e de educação para a convivência, hospitalidade que o ser humano tem que desenvolver para saber receber o outro (Isabel Baptista).

E “viver com” é admitir que o outro é diferente, ouvi-lo e respeitá-lo, ainda que não concordando, seja numa relação de género, sexo, idade, religião, cultura, professor, aluno, patrão, empregado...

Ana Vieira

Instituto Politécnico de Leiria, Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s)
anamariasvieira@gmail.com